

NOVOS ENCONTROS INDÍGENA-AFRICANOS NO CANDOMBLÉ: ENTREVISTA COM AIRY GAVIÃO E MARCELO KRAHÔ

Gerlaine Martini¹

DOI: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v%vi%i.20584>

Ainda não se esgotaram as descobertas sobre a relação histórica entre povos indígenas e africanos que vieram para o Brasil, a qual quase sempre demonstra as trocas de saberes entre ambos, desde a formação de quilombos e dos antigos calundus coloniais à atualidade, a ponto de plantas terapêuticas, alimentos e modos de fazer terem sido intercambiados na diáspora, terem viajado o Atlântico e voltado.

Em termos rituais e de liturgias, essas trocas ficaram apagadas sob mitos de total fusão entre práticas ameríndias e africanas e sob a nomenclatura “afro-brasileira/o”, como se “brasileira/o”, no caso, pudesse substituir e equivaler ao que é especificamente indígena, fora as diversidades de povos deixadas de lado nessa denominação que privilegia um contexto uniformizador colonial. Nesse sentido, surge a necessidade de não só revisitar o encontro entre esses povos e seus valores no âmbito do sagrado, mas também de entender como isso ainda vem acontecendo (até) aqui e agora.

Esse texto livre é produto de entrevista gentilmente cedida por duas pessoas que participam do candomblé², mas que a partir de sua identidade indígena trazem perspectivas diferenciadas e muito ricas desse encontro.

Além de pertencerem a povos originários, ter Brasília como um ponto central de suas trajetórias seria, a princípio, o que reuniria Airy Gavião, do Povo Gavião Parkatêjê do Pará - candidata de mandato coletivo pelo PSOL na última eleição do DF, integrante do Conselho Indígena, que trabalha com vários povos originários e em projetos ligados à educação e ao ambiente - a Marcelo Krahô que veio do Maranhão - também ativo no movimento social e que é assessor da Diretoria de Diversidade Étnico Racial que funciona na Subsecretaria de Igualdade Racial, parte da SEDESTMIDH, do governo do Distrito Federal.

¹ Doutora em Antropologia pela Universidade de Brasília. Integrante do Calundu (Grupo de Estudo sobre Religiões Afro-Brasileiras).

² Em junho de 2018 com Airy Gavião e em outubro de 2018 com Marcelo Krahô.

Airy veio de uma situação de aldeia do Povo Gavião Parkatêjê, onde sua avó era parteira, benzedeira e realizava curas. Ela se lembra de seus pais, avós e do ambiente onde tudo era partilhado (num povoado em Aturiaí, distrito de Augusto Corrêa no Pará), o que marcou sua personalidade:

Na aldeia todo mundo um cuida do outro. Se eu tenho, você tem, ela tem, ele tem. Meu pai era pescador e eu ia com meu pai pescar, a gente chegava e fazia os montinhos de peixe e começava a distribuir porque nós éramos poucos na época. E graças a Deus, a gente sempre teve muita fartura de peixe tanto da água doce como da água de sal. E eu sempre fui muito de estar ajudando não importa quem, não só indígena; depois quando eu conheci outras pessoas eu sempre fui muito de estar envolvida com comunidade e em todos os sentidos.

Já Marcelo Krahô não passou sua infância como aldeado e conheceu sua ancestralidade indígena através do que sua avó contava sobre a mãe de sua bisavó, de como havia sido seqüestrada da aldeia, mantida em cativeiro para ser “amansada” e depois obrigada a se unir em casamento cristão com seu sequestrador. Um grupo do Povo Krahô habitou nas proximidades do município de Carolina (MA) no passado - povo hoje só existente na divisa do Maranhão na chamada Craolândia (TO) - de onde descende sua família, mas ele foi criado num ambiente católico não praticante:

Indígena eu sempre fui, mas pra tomar conhecimento disso eu tive que perambular. Pra afirmar que a minha identidade é indígena, que a minha identidade é Krahô. Não foi fácil porque a história indígena, ao longo dos anos, ela é apagada e toda cultura dos meus parentes sempre foi invisibilizada por essa cultura invasora, eurocêntrica que chegou apagando outros costumes pra impor os seus, impondo culturas e línguas.

Airy Gavião foi adolescente para Belém e depois veio para Brasília ainda na época em que os indígenas buscavam apoio na Casa do Ceará quando, estudante, encontrou um companheiro (hoje separado), com quem teve três filhos. Sua espiritualidade sempre esteve muito aflorada desde criança e ela tinha visões, que continuaram, tornando-se inclusive premonitórias, e manifestações corporais inexplicáveis:

Minha vida religiosa é espiritual sempre, eu herdei dos meus avós, da minha avó, dos meus pais e é uma coisa que eu não busquei por mim, foi me dada e eu venho assim com uma espiritualidade muito forte. Quando eu era criança me dava umas coisas e eu não entendia. Hoje eu já entendo. Por exemplo, de repente me vem e eu choro, choro, mas eu choro muito. E uma outra coisa que eu não tenho mais depois que eu comecei a aceitar e trabalhar: me dava uma febre, eu não sei o que me dava de eu não conseguir andar, mover nada. Aí me levavam para o hospital e eu não tinha nada. Passava assim uma tarde, quando era noitinha eu estava bem. A última vez que me aconteceu isso foi três anos atrás. E acontece muito também de eu estar andando na rua de

repente uma pessoa que nem me conhece me pára. Estranho né? Agora eu já entendo, mas antes eu não entendia. Então era isso e eu sempre gostei muito de estar com as pessoas, mas há momentos também que eu quero estar só. Me isolo completamente, sabe, não quero ficar com ninguém, só eu comigo e os encantados.

Já Marcelo Krahô sentiu um forte chamado espiritual em Brasília, fora da visão cristã, que tinha sido a primeira fonte de sua busca interior:

No ano de 2003, eu estava fazendo um curso de radiologia médica. E nesse dia, algo me disse pra fazer um caminho diferente pra ir para esse curso, porque a gente, pra chegar em algum lugar, não precisa necessariamente fazer o mesmo caminho sempre. Então, desci no ponto três quadras antes porque também queria andar e me deparei com uma placa que dizia Centro Assistencial Espírita Nossa Senhora da Glória - Umbanda. Eu não sabia nem o que era aquilo, mas me deu vontade de entrar. A recepcionista explicou que eu tinha que escolher uma entidade e aguardar ser chamado pra ser consultado com essa entidade. O Maranhão tem muita fama dessa espiritualidade, mas lá eu não conhecia nada disso, eu não conhecia nenhuma entidade. Ela me deu uma relação de entidades e nesse dia era gira de caboclo, sexta-feira. Eu passei os olhos muito rapidamente e gostei do Caboclo Cobra Coral. Quando foi chamada minha ficha fui direcionado para uma médium do cabelo branco, alvo feito algodão. Era a dirigente do terreiro, Mãe Jurema, que fundou a casa. E desse dia em diante fiquei na casa, aconteceram eventos mediúnicos comigo, tudo isso a partir dessa conexão com Seu Cobra Coral através de Mãe Jurema que foi quem me iniciou na umbanda há quinze anos atrás.

Em Brasília (sempre visitando periodicamente seu povo na aldeia), Airy passou a se aconselhar e receber orientação com quem ela reconhecia como seus mentores dentro da sua vivência indígena:

O Raoni, ele é o meu pai espiritual e por ele estar em Brasília eu resolvi me direcionar com a minha espiritualidade, então eu resolvi buscar um apoio, porque não é sempre que eu posso estar na aldeia com uma pessoa que eu digo que é o meu pai em todos sentidos. Porque além dele ser indígena, ele é um dos mais antigos líderes e forte, ele é uma pessoa muito espiritual. Assim o reconheço e ele me reconhece também sempre. Não só ele como outros. Mas meu pai mesmo espiritual que me benze, que me aconselha, é o Raoni. Porque eu tenho umas visões que eu não acho legais, e isso me entristece muito. Até que as boas visões são uma coisa boa, mas há outras coisas que vêm e isso também não é quando a gente quer de jeito nenhum. Às vezes eu posso estar aqui, olhar e ver alguma coisa. Então isso é muito forte, e pra eu poder entender melhor meu direcionamento, o próprio Raoni mandou que eu procurasse onde eu me sentisse bem pra estar mais próximo.

Depois de sua primeira experiência em um caminho alternativo, Marcelo Krahô mergulhou mais ainda na espiritualidade afro:

Depois de certo tempo na umbanda me veio a necessidade; no curso de jornalismo fui convidado a conhecer a casa que estava abrindo há pouco tempo na Cidade Ocidental, fui lá conhecer, tive a oportunidade de jogar búzios, nunca tinha jogado, foi quando Oxóssi se apresentou solicitando a iniciação no ketu. Foi dessa forma que eu fui parar no candomblé de ketu, com raiz do Opô Afonjá. Na época da minha iniciação pra Oxóssi, Mãe Jurema foi lá no dia da minha saída de santo, que na cultura do Opô Afonjá é uma coisa mais restrita, e ela foi minha madrinha de oruncó, foi ela que tomou o nome de meu Oxóssi. Foi uma coisa muito conectada.

Airy Gavião teve um primeiro encontro com o candomblé semelhante, através do jogo oracular:

É candomblé de ketu. Eu conheci através de uma amiga que eu tenho de muitos anos que é a Akíní do Acarajé, e ela é uma pessoa muito especial pra mim, mas foi tudo por um acaso, nada foi premeditado; ela nunca me convidou, eu mesmo busquei, disse que queria ir. Até porque eu sempre me preservei muito de ir em qualquer lugar. Vamos dizer que eu sigo meu coração, minha intuição e dos meus encantados, que é muito forte comigo. E eu pedi a ela e ela me levou nessa casa. Eu observei bastante e gostei, porque pelo que eu vejo falar, eu tinha muito receio de ir pra qualquer lugar e eu gostei muito de lá. Gostei das pessoas, gostei do lugar, do jeito da pessoa. Eu não entendo muito, mas ele jogou pra mim e disse coisas que eu já sabia, que pra mim não era novidade, da espiritualidade, de tudo isso. Então, eu gostei porque ele não conhecia nada da minha vida e caiu tudo certinho. Então eu resolvi que eu queria ir lá uma vez por mês pra orientar. É mais uma questão mesmo da minha mãe e meu pai de santo estarem me direcionando.

Depois de se aprofundar na umbanda e no candomblé, tornando-se mais autônomo, de forma não mais vinculada às duas casas em que se iniciou, e seguindo uma conduta muito pessoal, Marcelo Krahô foi levado a outras jornadas:

Hoje existem entidades que se achegaram a mim e que fogem do contexto da umbanda e do candomblé. Estão acontecendo eventos comigo que não foram instituídos nem pela umbanda nem pelo candomblé, mas que estão ocorrendo. Como por exemplo, tem o Velho Sebastião, tem o Barão de Guaré, tem a cabocla Mariana, Jandira e Erondina. Hoje eu jogo tarô, ninguém me ensinou isso. Quem me trouxe isso foi Sara. Sara foi uma entidade que chegou a mim e trouxe o tarô e aí depois que eu fui descobrindo quem era realmente Sara. Mas ela sempre chegou dizendo que ia chegar um dia que não viria mais e que ia ficar ali só como mentora do tarô, assim como é hoje. A cor dela é a mesma cor de Oxóssi, é azul turquesa com branco, ela é do Oriente e ela não bebe, ela não fuma, e veio só para trazer o conhecimento do tarô e pra trazer essa convergência do oriente cigano que eu não aprendi em nenhum lugar, porque o Nossa Senhora da Glória não tem linha cigana. E eu não frequentei nenhuma outra casa de umbanda, desde o Nossa Senhora da Glória. Então eu tanto fui iniciado numa casa de umbanda ortodoxa quanto fui iniciado numa casa de candomblé ortodoxo. O que

fugiu disso aí foi o que foi agregado com o tempo, com o vento, não sei dizer, são coisas que vêm ocorrendo. Sara é uma dessas ocorrências.

Airy Gavião relata sobre as divindades e entidades que vem encontrando no candomblé em correspondência com os encantados que trariam proteção espiritual do lado indígena:

Nanã é uma delas e tem duas que ainda estão assim, mais ou menos, que querem (*mencionando qual divindade poderá reger mais sua vida*) e tem um caboclo também que eu ainda vou saber, tem todo um trabalho que eu ainda não sei, tenho um caboclo e eu já vi ele, que é muito forte também. Então eu não vejo muita diferença dos encantados, porque os encantados para nós é isso. Então não há tanta diferença. A minha visão é mais mesmo os encantados: palha, água, animais. Vejo minha casa toda cercada de palha...

De alguma forma, sua caminhada anterior e as novas visões têm levado Marcelo Krahô a encontrar sua ancestralidade indígena e a novas indagações:

E há ocorrências que em alguns momentos eu às vezes sou tomado por um senhor, o nome dele é Caçador, ele é velho, que é essa ancestralidade ameríndia que eu tenho. E muitas vezes eu acordei em cima de árvore, fumando charuto, fumando cigarro de palha, isso em cima da copa das árvores. Ou seja, não subi acordado, mas acordei lá em cima. Isso eu atribuo muito à minha ancestralidade indígena. E eu atribuo esses eventos que me tomam a consciência muito à minha ancestralidade indígena. Também faço viagens astrais, faço muitas, às vezes eu fico tão cansado, é que eu vou longe. Muitas vezes eu me perguntei se eu não estava ficando doido. Hoje eu entendo que não. Mas muito desses conhecimentos, essas entidades que foram agregadas na minha história, elas surgiram dessas viagens astrais. Inclusive eu atribuo essas viagens astrais muitas vezes a estar num lugar e daqui a pouco acordar em outro. Eu começo só com o espírito, mas depois termino com o corpo. Como é que eu durmo num lugar e acordo no outro? E, muitas vezes, estou aqui conversando com você e vou lá longe...

E as oferendas no candomblé também evocam a espiritualidade indígena para Airy Gavião:

Eu já ofereci um pedaço do meu cabelo (*ao mencionar que não tinha chegado a raspar a cabeça no candomblé*) que eles pediram, pediram colares, cocar, bracelete, tornozeleira, uma cesta... Ofereci no mato. E foi tão engraçado, que eu fui e sabe onde que eu parei? Debaixo de um pé de jenipapo. E o que é o jenipapo para a gente (*o povo indígena*)? A força, as pinturas. A gente passa o jenipapo no cabelo. Eu ofereci debaixo do jenipapo que é a nossa força. Nem sabia que tinha jenipapo nesse lugar que eu fui, eu olhei assim e pensei “é por ali”. Deixei lá debaixo do jenipapo e na beira do rio, porque não poderia faltar água.

Marcelo Krahô vê o resgate de suas raízes indígenas também como um processo bastante consciente:

Depois de sete anos de Oxóssi me deu esse estalo: por que eu sei mais de culturas estrangeiras e não sei da minha própria raiz? Foi quando eu passei a me indagar, quando eu senti a necessidade de reafirmar minha identidade a partir da minha linhagem indígena. Lógico que não desmerecendo nenhum desses aprendizados aos quais eu tive oportunidade de ser iniciado. Por identificar pontos em comum nessas culturas que cultuam a natureza é que eu senti a necessidade de reafirmar cada vez mais a minha identidade indígena, reforçando também essa convergência da ancestralidade afro com a ameríndia, para não negar nenhuma dessas duas raízes, uma de conhecimento que foi a afro, dessa fonte que eu bebi. Mas saber que minha raiz indígena também tem sua própria história e que, justamente por ter sido apagada e invisibilizada, há essa lacuna que o tempo não foi capaz de preencher, e eu não sei contar essa história muito a fundo porque justamente me foi negado isso, me foi tirado, me foi tomado. E aí hoje eu costumo dizer que a mesma flecha que sai do ofá de Oxóssi é a flecha que sai do arco da minha ancestralidade indígena. Eu sendo de Oxóssi no candomblé, do Caboclo Caçador na umbanda, eu sendo da ancestralidade indígena, a flecha é uma só, o arco é um só. Eu acredito que isso tenha sido uma convergência de ancestralidade.

Enquanto Airy Gavião encontra convergências indígenas na sua militância:

O meu trabalho com outros povos indígenas começou quando o Embaixador Murtinho (que era do Ministério da Cultura), com a secretária de Cultura na época que era a Laís Aderne aqui em Brasília, criou um projeto de revitalização da cultura indígena, e eles me convidaram, porque eu, como indígena, tenho acesso mais facilitado em qualquer aldeia. E depois eu continuei com a Laís Aderne, fui coordenadora do Instituto Huah do Planalto Central - Instituto Huah quer dizer “a unidade na diversidade” - e eu senti a necessidade de visibilizar os artesanatos dos parentes (*outros povos indígenas*) para fora. Só que isso no começo foi muito complicado. E se a gente é discriminada hoje, naquela época era muito mais, você não tem idéia. Então eu saí à procura de espaço em shopping, em feiras, em eventos como esse (*referindo-se ao Cidades Lixo Zero*), só que a gente levou muito “não” na cara. E a Laís Aderne resolveu fazer a Primeira Bienal dos Povos Indígenas que foi muito importante. Todo esse material também foi muito bem aceito. E assim eu comecei a buscar espaço. Mas era muito difícil. Teve lugares em que foi dito “índio, Deus me livre, não!” Foi complicado no começo. Era Fulniô, Pataxó, Baré, Guajajara... E aí começou essa campanha. E hoje tem muitos parentes que conseguiram e tão andando com as próprias pernas, então é muito importante, gratificante pra mim. E eu continuo na ativa com outros projetos também, ajudando no que eu posso. É uma trajetória, meio que desde pequena, bem *manakô* mesmo. *Manakô* é uma palavra que a gente usa e que está agregando, um cuidando do outro e dividindo, repartindo tudo - em todos esses sentidos.

Marcelo Krahô está se preparando para se reencontrar espiritualmente entre os Krahôs:

Isso eu estou me preparando pra viver porque eu realmente sinto hoje a necessidade de ter o reconhecimento da minha base, então para isso eu tenho certeza que eu preciso passar pelos rituais inerentes da cultura, e eu estou esperando só o momento mais oportuno pra imergir nesse momento de ir lá para receber meu nome, assim como eu recebi meu oruncó dentro do candomblé, assim como eu fui feito amaci na umbanda eu também vou receber meu nome dentro da minha etnia indígena. A aldeia só te reconhece a partir de quando você passa por esse momento ritualístico, mas eles já têm conhecimento da minha pessoa, eu já tenho conhecimento da pessoa deles, ou seja, já há um caminho trilhado nessa direção, mas o que falta efetivamente é eu ir lá abaixar minha cabeça e colocá-la na terra.

Airy Gavião também percebe que sua relação com a ancestralidade indígena faz conexões com o candomblé:

Minha avó me acompanha sempre, meu avô, e meu pai também vez por outra. Mas a minha avó e meu avô é mais forte e eles andam do meu lado sempre. Não é à toa que Nanã é uma das orixás mais antigas. E ela é o que? Ela é terra, ela é lama, ela é água. Além da minha avó, do meu avô, nós temos encantados vários. A gente nunca está só.

Marcelo Krahô encontra essa conexão também em tudo:

Então hoje, orixá para mim, como essência, ele está em todo lugar, em qualquer lugar. O ar que você respira é Oxalá, é o sopro da sua vida. Ele não está só na África. Eu posso lhe puxar aqui um oriki de Oxalá africano, mas o ar que você respira, ele não é só africano. Ele passa lá também, mas não é só de lá. Hoje eu vejo os orixás assim, os inquices, voduns... São caminhos diferentes que nos levam ao mesmo lugar. Aquilo que eu disse quando eu desci na parada da W3 (*rua de Brasília*), que eu queria fazer um caminho diferente para chegar no meu curso de radiologia e acabei chegando na umbanda. Então, são caminhos diferentes que levam ao mesmo lugar. Eu estive no candomblé porque primeiro eu cheguei até a umbanda. Se eu não tivesse chegado até a umbanda não teria estado no candomblé. Se eu não tivesse chegado até o candomblé e também a umbanda hoje eu não estaria dizendo a você que sou indígena. As coisas não são interdependentes, elas são convergentes. Elas se conversam, se conectam. Elas não são separadas. As pessoas que querem separar as coisas.

Recebido em: 03/12/2018

Aceito em: 03/12/2018